ISSN 0103-3387
Vol. 2, n. 1, janeiro/junho. 1989

revista do TECNOLÓGICO

PUBLICAÇÃO ORIGINAL

Rocinhas e Puxadas*

Antônio Paul de ALBUQUERQUE

As linhas que seguem destinam-se ao resgate da memória de dois tipos distintos e notáveis da arquitetura doméstica de Belém do Pará, a rocinha e a puxada, através do estudo de sua adequação ao conforto ambiental, abrangendo não somente os requisitos físicos, mas também, e principalmente, os requisitos sócio-culturais e psicológicos do período considerado.

The following lines are destined to salvage the memory of two distinct and notable types of domestic architecture of Belém do Pará, the rocinha and the puxada, through a study of their adequacy to environmental confort, comprising not only physical requiremnts, but also and especially the sociological, cultural and psychological requirements of the period considered.

1 INTRODUÇÃO : O AMBIENTE PROJETADO/CONSTRUÍDO

É preciso reconhecer que todos os ambientes projetados/construídos resultam de escolhas feitas entre alternativas possíveis. As escolhas específicas tendem a ser legítimas, refletindo a cultura de determinado povo. É a legitimidade das decisões que tornam as edificações reconhecidamente diferentes umas das outras. Essas escolhas consistentes resultam no que se chama de **estilo** - seja do ambiente projetado/construído, seja da própria vida.

Evidentemente que, ao fazer essas escolhas, certos valores, normas, critérios e hipóteses são adotados, e estes se incorporam num esquema ideal de referência. Os ambientes projetados/construídos, de alguma maneira, refletem e codificam esses esquemas e a ordem por eles tipificada. A ordem expressa pelo processo de escolha, a imagem a ser codificada e dada forma, é uma visão de um ambiente ideal que os ambientes projetados/construídos exprimem, ainda que imperfeitamente.

O ambiente projetado/construído na sua maioria não foi projetado por pro-

*Trabalho apresentado como pré-requisito à conclusão do Curso de Especialização em Arquitetura nos Trópicos - UFPA - Belém. 1986.

fissionais, mas nem por isso deixa de ser expressão do mesmo impulso que gera os projetos considerados de estilo (aqueles concretizados por projetistas). Assim, para bem compreender a arquitetura, convém estudar a tradição popular - as edificações ditas **primitivas** ou **vernáculas** que constituem o grosso do ambiente projetado/construído. E para entender a questão do porque as pessoas constróem o ambiente, precisa-se compreender o funcionamento da mente humana.

O mundo é aparentemente caótico e desordenado e a mente humana tende a classificá-lo, diferenciá-lo e ordená-lo, para melhor entendê-lo. A ordem, assim, é pensada antes de ser construída. As pessoas pensam o meio ambiente antes de o criarem. O pensamento ordena o espaço, o tempo, a atividade, os papéis e o comportamento, mas é importante dar expressão física às idéias. Todo o ambiente projetado/construído - edificações, povoados e paisagens - é um modo de ordenar o mundo através de um sistema visível de ordenação.

Ao organizar o meio ambiente, o que se organiza são os quatro elementos: espaço, tempo, significado e comunicação. O meio ambiente, portanto, pode ser visto como uma série de relações entre coisas e outras coisas, coisas e pessoas e outras pessoas. Essas relações são também principalmente, mas não exclusivamente, espaciais: as coisas e as pessoas se relacionam através de vários graus de separação dentro do espaço e pelo espaço. Ou seja, o meio ambiente projetado/construído representa a expressão física dos sistemas e esquemas de ordenação, constituindo-se uma propriedade básica da mente humana. O processo é sempre o mesmo, ainda que a **forma** específica de ordenar e os **meios** utilizados para expressá-lo fisicamente sejam culturalmente específicos.

Aceita-se como válida a idéia de que os propósitos da arquitetura vão bastante além da mera função de abrigo e de tentar modificar o microclima. A arquitetura fornece ambientes para determinadas atividades, lembrando sempre às pessoas quais são essas atividades, significando autoridade, **status**, ou privacidade, expressando e apoiando crenças cosmológicas, comunicando informação, estabelecendo identidade individual ou de grupo e codificando sistemas de valores. Se o abrigo fosse a única ou principal função da arquitetura, encontrar-se-ia menos variações de sua forma. Encontram-se praticamente as mesmas casas em diferentes zonas climáticas, assim como diferenças de forma e material em zonas do mesmo clima. Estas diferenças na maioria das vezes se relacionam com o **status** e com o grau de privacidade. Enfim, a arquitetura se torna tão identificada com os grupos, culturas e estilos de vida que ela é essência para se **sentir em casa**. Daí os imigrantes trazerem as formas arquitetônicas consigo e tentarem recriá-las e, às vezes, seu sucesso em seu novo ambiente pode muito bem depender de sua capacidade de recriá-las. O que reforça o argumento básico de que o meio ambiente é imaginado antes de ser construído.

Coloca-se, assim, o conceito de arquitetura sob uma ótica mais abrangente e fornece-se uma base adequada para o projeto arquitetônico, o projeto decalcado na compreensão plena do comportamento humano e sua relação com o meio ambiente construído. A seguir poderia surgir a preocupação do porquê estudar o passado quando se está envolvido com problemas do futuro... Ora, a capacidade de fazer análises e tomar decisões depende sempre da disponibilidade de uma teoria que se possa considerar válida. O que já foi escrito sobre arquitetura, sob todos os ângulos, não dá para se ler na sua totalidade, nem mesmo por um pesquisador especializado, a não ser em parte, sem uma teoria. A única maneira de se lidar com esse vasto acervo, em diversos idiomas e em inúmeras publicações, está em se desenvolver uma teoria na qual ela esteja enquadrada através de elementos maiores.

Esta teoria tenderia a se basear no testemunho da tradição ocidental, desprezando as demais, e no progresso recente, negligenciando a discussão histórica. Sugere-se a importância de se levar em conta o ambiente construído através do tempo e das culturas. Na verdade, quanto mais ampla, em espaço e tempo, for a amostragem, maiores são as probabilidades de se observar regularidades no caos

aparente e de se compreender essas diferenças. Assim, ter-se-á maiores possibilidades de se verificar os vários padrões e suas correlações, sendo estes os pontos significativos a perseguir. A capacidade de estabelecer a presença destes padrões pode ajudar a se lidar com o problema da constância e da alteração na arquitetura e a estabelecer uma base que orientará o projeto ambiental. É muito importante compreender tanto a constância como a inconstância, uma vez que a cultura ocidental enfatiza a mudança a um grau que se pode considerar exagerado. Ao compreender as razões e os processos que elas representam, pode-se descobrir que formas aparentemente não relacionadas e maneiras de fazer coisas aparentemente diferentes são equivalentes, no sentido de que buscam os mesmos objetivos, são o resultado de processos mentais semelhantes ou são transformações de um e de outro. Tudo isto ajuda a definir o que é arquitetura, quais os seus vários propósitos e como é concebida.

Apesar de existir uma tendência a criar ambientes que são altamente coerentes com a cultura, os mesmos processos básicos conduzem hoje a ambientes não coerentes com essas variáveis. Ambientes coerentes tendem a envolver os usuários em sua criação, levando a uma melhor ajustagem posterior. O esforço geralmente é muito menor quando o meio ambiente é adaptado às pessoas e não quando as pessoas têm que se adaptar ao meio. Assim é que o estudo da arquitetura num período do passado, assim como aquele das origens da arquitetura num passado longínquo e nebuloso, pode iluminar a noção do que é a arquitetura - o relacionamento do comportamento com o ambiente, o processo do projeto e a relação entre cultura e forma.

Conforme colocou Luis SAIA (1957): "... a validade dos estudos de arquitetura tradicional se justifica na medida em que fomos capazes de extrair deles formulações que socorram a análise dos problemas atuais: da arquitetura e de 'arquitetura regional'''.

2 CONSIDERAÇÕES GERAIS : O CONFORTO AMBIENTAL DOMÉSTICO

É estranho reconhecer como muitas coisas que se aceitam como natural e eterno foram inventadas num tempo e lugar específicos. Não somente objetos comuns como aparelhos eletro-domésticos, mas também atitudes e percepções. Como, por exemplo, a noção de privacidade. Ou a necessidade do conforto ambiental doméstico. Enfim, o que é o conforto, e donde surgiu a idéia?

Um atuante professor de arquitetura da McGill University em Montreal, no Canadá, de nome Witold RYBCZYNSKI (1986), ficou emerso nestas questões porque descobriu que quando ele projetava casas no estilo moderno aceito e aprovado, elas invariavelmente faziam seus clientes se sentirem desconfortáveis. Quando chegou a fazer o projeto de sua própria casa da mesma maneira, ele confessa intrigado que se sentiu como seus clientes: "Encontrei-me voltando de quando em vez às recordações de antigas casas e antigos quartos, tentando compreender o que os fazia sentir tão certas, tão confortáveis".

Segundo Rybczynski, a palavra **conforto** não adquiriu seu sentido moderno antes do século XVIII, sendo que sua raiz original latina **confortare** significa consolar, como em "Jesus confortando os aflitos". O cidadão medieval que usasse a palavra naquele sentido mal poderia usá-la em relação a sua casa, que consistia geralmente apenas de um grande quarto, se tanto, um mínimo de mobiliário, pouca calefação e iluminação e nenhuma água corrente. "Na Idade média o povo não morava propriamente nas suas casas, mas acampava dentro delas", diz Witold.

Por exemplo, foi nos Países Baixos do século XVII que a área de serviço começou a ser completamente separada da área de estar. Somente este fato levou a um crescente sentimento de privacidade e domesticidade ainda quase desconhecido nas mansões feudais da França e da Inglaterra. Ainda, como o solo era escasso, os prósperos burgueses holandeses construíram casas conjugadas de alvenaria peque-

nas e estreitas, com quartos separados e considerável decoração. Uma vez que havia limitação de espaço, inventaram a janela tipo guilhotina para substituir o que se chama hoje de janela francesa. Os holandeses também depositavam grande fé na escolarização e mantinham seus filhos mais velhos em casa, enquanto que as crianças francesas e inglesas eram mandadas servir como aprendizes aos sete anos de idade. Com mais iluminação, mais privacidade e maior prole, surgia um maior sentimento de vida familiar - e exatamente conforto é o que se vê nos interiores retratados por De Hooch e Vermeer.

Os mercadores ingleses e de outras nacionalidades visitaram os Países Baixos, admiraram o que viram e levaram para casa não somente o gosto por casas conjugadas de alvenaria com janelas guilhotina, mas também descobertas holandesas como o chá da China e os tapetes orientais. Na Inglaterra georgiana do século que se seguiu, o prático combinou com o belo. E daí porque surgiram os grandes marceneiros: Sheraton, Chippendale e Hepplewhite. "Ah, não há nada como ficar em casa para se ter o verdadeiro conforto", diz um personagem do romance **Emma** de Jane Austen.

É verdade que a vida na Inglaterra de Emma talvez tenha sido agradável, mas nenhum intruso do atual século se sentiria lá à vontade. Casas com elegantes lareiras permaneciam bastante friorentas, a leitura à luz de velas era difícil e ainda não havia água corrente. Foi somente a Era Industrial que trouxe melhoramentos tais como lamparinas caseiras à gás na década de 1840, eletricidade na década de 1880 e depois a grande enxurrada de utensílios poupadores de mão-de-obra na virada do século. Resta lembrar que em 1870 quase 60% das mulheres norte-americanas empregadas trabalhavam como domésticas e apenas 50 anos depois a maioria das empregadas domésticas havia desaparecido para ser substituída por aspiradores de pó elétricos e máquinas de lavar. "A idéia feminina da casa... alterou o foco da sala de visitas para a cozinha", pondera Rybczynski (1986), "e foi porque, quando a eletricidade entrou na casa, o foi pela porta dos fundos."

Rybczynski fica diferenciando entre o que uma casa parece e como funciona e mantém que, infelizmente, os arquitetos na maioria das vezes se concentram no primeiro aspecto. Um caso em questão foi o célebre pavilhão **Novo Espírito** de Le Corbusier na exposição de Paris de 1925: paredes brancas nuas, escadas feitas de tubos de aço e apenas algumas cadeiras estilo restaurante. "A casa é uma máquina para se morar", disse Le Corbusier, e o conceito se tornou moda...

"Reexaminar as tradições burguesas quer dizer retornar às plantas baixas que ofereçam maior privacidade e intimidade que a chamada planta aberta, na qual é permitido que o espaço "flue" de um ambiente para outro", sugere Rybczynski, ao ser bastante específico nos seus pontos de vista sobre como tornar as casas mais agradáveis e confortáveis, "sendo que o reexame da tradição burguesa do conforto é uma crítica implícita da modernidade, mas não é uma rejeição de mudança".

Somente depois de escrever uma história inteira da idéia do conforto é que Rybczynski tenta definí-la. A definição mais simples seria simplesmente a de "se sentir bem", mas esta é simples demais. A definição científica seria "uma condição na qual o desconforto é evitado", mas esta é negativa demais. Convém lembrar que Rybczynski não é um cientista mas um simples arquiteto e um analista sutil de como vivem as pessoas, e que preferiu terminar com uma metáfora, a que chamou a **Teoria do Conforto da Cebola**. Nesta, os atributos lentamente evoluentes do conforto - privacidade, intimidade, domesticidade, deleite, facilidade, lazer, eficiência e conveniência - formam uma série de camadas parcialmente transparentes de forma a que todas possam ser vistas ao mesmo tempo. E daí, "o senso comum fará o resto".

3 AS ROCINHAS

No dizer do escritor Leandro TOCANTINS (1963),"a rocinha, rigorosamente falando, era o todo que formava a pequena propriedade rural: campo, floresta, pomar e casa. Mas na linguagem usual significava a vivenda cercada de árvores silvestres, de fruteiras, de jardins rústicos, na paz dos subúrbios. Isto no começo do século dezenove, quando no auge o prestígio das rocinhas belemenses, decantadas pelos estrangeiros visitantes, caídos de amores por elas."

"A rocinha, hoje substituída pelos sítios, granjas, à borda das estradas de rodagem, era na realidade uma casa de campo que obedecia ao estilo simples da fazenda brasileira, por sua vez inteligente adaptação de forma e conceitos portugueses às peculiaridades do clima. Então, a rocinha (figuras 1 e 2) constituía-se de um corpo central, telhado em quatro águas, com varandas comuns às casas rurais do Brasil, rodeando a casa, ou apenas em uma parte", continua Tocantins.

BAENA, no seu monumental **Ensaio Corográfico**, publicado em 1839, descrevendo os sítios suburbanos de Belém, se refére às rocinhas mais conhecidas da época, dando sua localização: "O primeiro caminho do lado direito (derivado do Largo da Nazareth) vulgarmente chamado da Pedreira guia para a Rocinha denominada Carrapicheiro, para a de Mata-te Bem, para o sítio da Pedreira, onde há uma Olaria e um Engenho de escuscar arroz movido por cavalos, tudo erguido na beira do rio, que banha as ribeiras da cidade, e para Tucunduba...

.....

O terceiro caminho também do lado direito he da serventia da Rocinha de Queluz, propriedade do Seminário do Bispado, e actualmente sem maneio algum. Adiante d'este caminho ha outro do lado esquerdo, que dirige à borda do mar defronte da Fortaleza da Barra, e que por isso he denominado caminho da Barra.

.....

Do referido Largo da Nazareth também corre outro caminho para a Rocinha chamada do Ambrosio por ter sido seu proprietário o defunto Coronel Ambrosio Henriques: este caminho atravessa outro, que da Memoria guia a diversas Rocinhas, que deixo de expressar, e da indicada Rocinha de Ambrosio elle entra no caminho da Olaria, o qual principiando da rua dos Martires por detrás do Reducto, e cruzando o Igarapé do mesmo Reducto, e as novas ruas da Gloria, do Principe e da Princeza, e o Igarapé das Almas, fenece no Igarapé de Una, que tem moradores".

Continuando, mais adiante BAENA nos dá um retrato do contorno marítimo no rosto da cidade: "Nas ribeiras dos Subúrbios da Cidade, que na parte do Nordeste decorrem desde a mesma Cidade até a boca da Barra, existem 1º A Rocinha chamada Olaria, que jaz pouco abaixo do Reducto de S. José. 2º A Rocinha da Viúva do Desembargador Pombo, que está no lado esquerdo da boca do Igarapé de Una, e que defronta com a Olaria do Commendador Rozo no lado direito do mesmo Igarapé. 3º O sítio de Penacova, onde em 1617 apparecia na fronte do mar uma Aldea de Indios chamada de Una, e onde os Religiosos de Santo Antonio erguerão a sua primeira residencia com o nome de Hospicio, que durou nove annos".

O naturalista inglês Alfred Russel WALLACE (1972), que desembarcou em Belém no dia 28 de maio de 1848 com apenas 25 anos de idade, legou-nos as seguintes impressões; "Adiante das ruas propriamente ditas da cidade há uma grande extensão de terras coberta de ruas e travessas que se cruzam em ângulos retos. Nos espaços formados por estes estão as "rocinhas" ou casas de campo, uma, duas ou mais em cada quadra. Elas são de um só andar, com várias dependências amplas e uma grande varanda, que é geralmente usada como sala de jantar e agradável apartamento de estar e trabalho. O terreno contíguo é usualmente de baixada ou um emaranhado de capim ou árvores frutíferas. Às vezes uma parte é transformada em jardim, mas raramente com muito gosto ou cuidado e as plantas e flores da Europa são preferidas aos esplêndidos e ornamentais produtos do país. A impressão geral da cidade para uma pessoa recém-chegada da Inglaterra não é muito favorável. Há

uma grande deficiência de arrumação e ordem e tanta aparência de descaso e de decadência, tantas evidências de apatia e indolência, que se torna à primeira vista absolutamente doloroso. Mas esse sentimento logo se evapora e algumas dessas peculiaridades se pode atribuir como sendo dependentes do clima. Os grandes quartos com imensos pés direitos, com pisos de tábuas corridas e escasso mobiliário, com meia dúzia de portas e janelas em cada um, parecem à primeira vista sem conforto, mas são sem dúvida exatamente adaptados a um país tropical, no qual um quarto atapetado, acortinado e almofadado seria insuportável (grifo nosso).

.....

O clima, tanto quanto nos foi permitido experimentar, era adorável. O termômetro não foi além de 87°F durante as tardes nem abaixo de 74°F às noites. As manhãs e tardes eram agradavelmente frescas, e geralmente tínhamos uma chuvada e uma bela brisa à tarde, que era muito refrescante e purificava o ar. Nas noites enluaradas as senhoras passeiam pelas ruas e subúrbios de cabeças descobertas e em trajes de baile (?) até às oito horas e os brasileiros, nas suas rocinhas, se conservavam à porta de suas casas de cabeça descoberta e em mangas de camisa até às nove ou dez, despreocupados dos ares da noite e do forte sereno dos trópicos, que nós fomos acostumados a considerar tão mortíferos".

Já o missionário Daniel P. Kidder, norte-americano, que esteve em Belém em 1855, nos deixou estas linhas sobre a cidade que percorreu: "O aspecto geral do Pará corresponde àquele da maioria das cidades brasileiras, apresentando uma sorte de paredes esbranquiçadas e coberturas de telhas vermelhas. O plano em que se baseia não é deficiente nem em regularidade nem em gosto. Possue numerosas praças públicas e as ruas, embora não largas, são bem pavimentadas, ou seja, macadamizadas. É respeitável a porcentagem de casas grandes e bem construídas, embora as ruas periféricas estejam no mais das vezes cheias daquelas diminutas em tamanho e indiferentes na construção. O estilo das casas de moradia é peculiar, mas bem adaptado ao clima (grifo nosso). Uma ampla varanda é parte essencial de todas as habitações. Às vezes se estende por todo o exterior da edificação, enquanto que uma construção semelhante prevalece em pelo menos três lados de uma espaçosa área interna. Parte da varanda interna, ou uma sala a ela ligada, serve como sala de jantar, e é quase invariavelmente arejada e agradável. Somente as salas da frente são dotadas de forro, salvo nas mais altas e importantes edificações. As janelas de venezianas são mais comuns que aquelas de vidraças, porém algumas casas dispõe de ambas, embora na estação seca a preferência seja pelas primeiras. Em vez de alcovas pequenas, escuras e sem ventilação e camas escaldantes para dormida, elas têm uma arrumação de ganchos para pendurar redes nos cantos dos grandes quartos, e transversalmente por toda a extensão das varandas. Algumas moradias possuem dispositivos deste tipo para acomodar cincoenta ou sessenta pessoas todas as noites com o mínimo possível de inconveniência.

Os efeitos da revolução de 1835 (a Cabanagem, o autor) ainda estão bastante aparentes no Pará. Quase todas as ruas mostram um número maior ou menor de casas atingidas por balas ou tiros de canhão. Algumas foram pouco danificadas, enquanto que outras foram quase destruídas. O convento de Santo Antonio foi muito exposto ao canhoneio e carrega muitas marcas de balas nas suas paredes. Um dos mísseis foi tão infeliz que destruiu uma imagem colocada num alto nicho da frente do convento".

Convém aqui lembrar que com o decorrer dos anos as rocinhas evoluíram no seu estilo, sofrendo a influência francesa em voga, ao gosto neo-clássico, e "passaram a ser construídas com algumas modificações relativas ao material, uso do forro, ausência de varanda lateral, etc." Mas nem por isto deixaram de ser rocinhas...

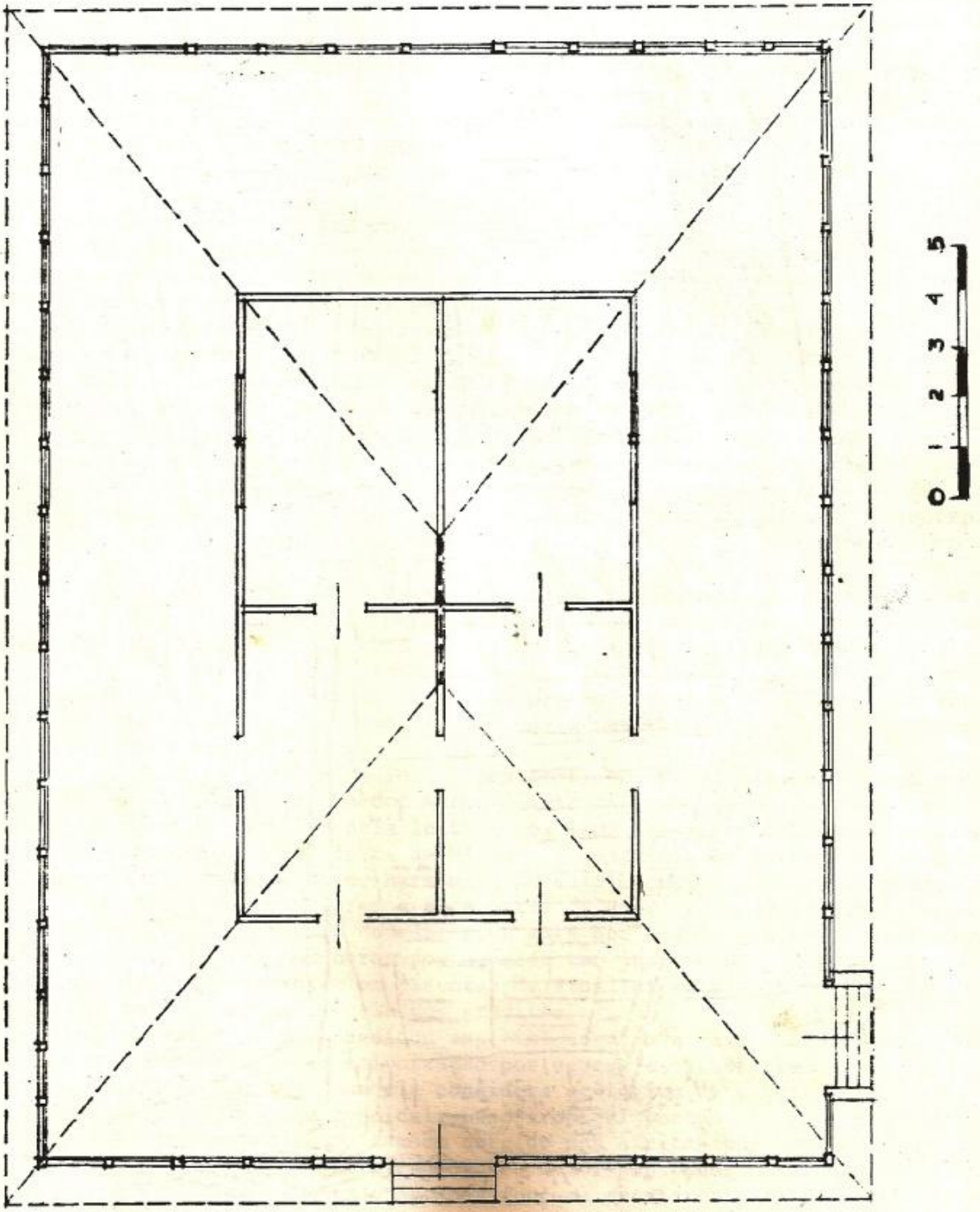


FIGURA 1 - **Planta Baixa da Rocinha da Arcipreste Levantada por Roberto de La Rocque Soares**

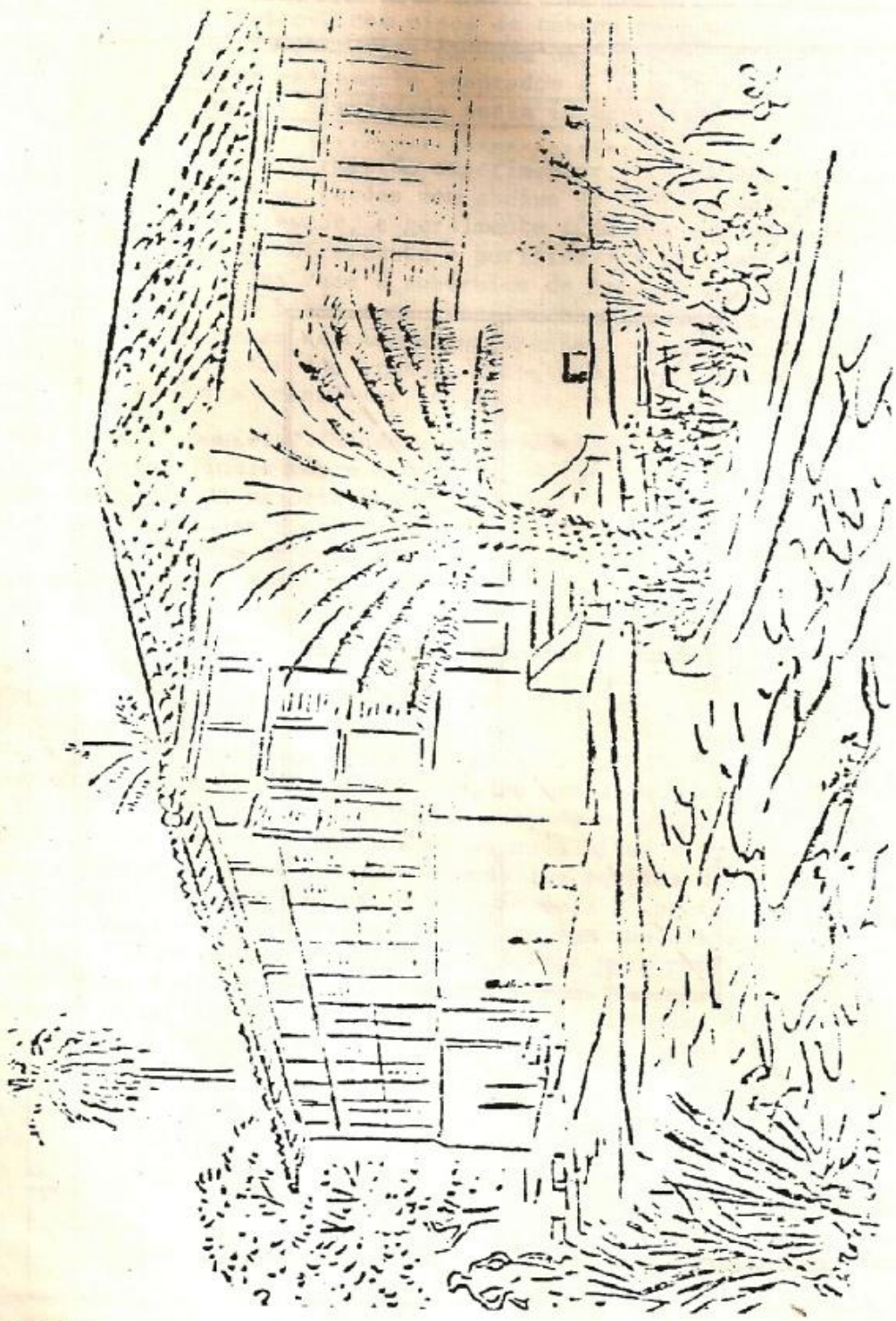


FIGURA 2 - Rocinha da Arcipreste. Desenho de Percy Lau

4 AS PUXADAS

No seu estudo sobre as zonas de estar da casa paulista, LEMOS (1976) indaga "... como eram exercidas as funções básicas de uma residência? Como eram distribuídas as zonas de estar, repouso e serviço?

É bom lembrar que os conceitos de lazer e de conforto, que hoje possuímos, não são bem aqueles do homem rude... e que **estar** naqueles tempos não tinha muito sentido. O **estar à toa**, o **ficar à vontade** talvez existisse, mas sempre mesclado a alguma atividade lúdica **extra-muros**, a algum artesanato... E, naquele tempo, necessariamente, temos a distinguir o **estar** da mulher do **estar** do homem.

.....

Essa casa humilde quase sempre foi urbana... Sempre de um só lanço, com dois ou três cômodos encarreirados - as repartições precárias, às vezes até de esteiras. Na frente, uma salinha, mais um vestíbulo onde permaneciam as pessoas de fora e onde o homem da casa recebia ou trabalhava, se fosse um artesão, o que era comum na cidade. Outras vezes essa salinha se transformava em pequena loja. No centro, o quarto, a alcova da família promíscua. Atrás, a varanda alpendrada, a **sala de estar e comer**, o centro de interesse da organização familiar, com a sua cozinha em puxado (grifo nosso). No fundo do quintal, a latrina, a **secreta**."

Lemos (1976) está descrevendo a típica casa paulista, mas chama a atenção da primeira constante arquitetônica nos partidos da habitação brasileira - a extroversão da cozinha. Cozinha na alpendre posterior. Cozinha em puxado. Em Belém, o termo **puxada** foi estendido a toda a casa, à "casa ampla, com um corredor largo construído de um dos lados, para onde abrem os cômodos, geralmente com extenso quintal plantado de árvores frutíferas", no dizer de Ernesto CRUZ (1971).

"A alcova e o corredor, eis os característicos dessas habitações", escreveria Pires de Almeida em 1886 em parecer publicado no Rio de Janeiro com o título **Higiene das Habitações**, em que lamenta a monotonia e a insalubridade nos planos da arquitetura doméstica tradicional luso-brasileira. Janelas para a rua somente nas salas de frente, as do interior abriam para o corredor ou para acanhada área. E a alcova para as sinhá-moças, deve-se acrescentar a Pires de Almeida, era quase sempre sem janelas.

Os característicos habitacionais deplorados no Rio de Janeiro foram também combatidos pelo Intendente Senador Antonio José de Lemos em Belém, na virada do século, conforme se verifica pela leitura dos seus famosos relatórios, quando critica as **puxadas** pela sua falta de higiene e monotonia de fachadas.

Na verdade, o espírito de harmonia das edificações com a chuva, o meio ambiente e os materiais peculiares a esta parte da América se desenvolveu de modo mais acentuado na arquitetura doméstica, e mais por obra e graça dos mestres-de-obras - os bons mestres-de-obras portugueses tão justamente louvados por Lúcio Costa, nossa maior autoridade em assuntos de arquitetura tradicional brasileira - do que por esforço e ciência dos eruditos.

Gilberto FREYRE (1979) dedicou especial atenção à casa de residência, nascida nos primeiros tempos da colonização portuguesa e crescentemente abrasileirada e tropicalizada num tipo que ele considera ecológico de arquitetura, expressão de uma civilização luso-tropical. Luso-tropical porque ela como que madrugou na Índia Portuguesa, tendo também surgido nas Áfricas portuguesas. No Brasil, porém, segundo ele, é que alcançou seu maior esplendor como arquitetura em grande parte ecológica, adaptado às suas funções patriarcais em ambiente tropical. Em circunstâncias não-européias.

Lemos (1976) novamente nos lembra, "Em nossas terras quentes e úmidas do litoral, o português recém-chegado o que fez foi adaptar-se ao clima apelando para improvisações fáceis, onde estava implícita a experiência aborígene, e apelando, também, para recursos já conhecidos no Reino, como a alpendre refrescante, cuja sombra sempre amenizava a temperatura interna. Enfim, adaptou-se e, sem

muitos preconceitos, aprendeu a viver definitivamente nos trópicos. Passou a viver uma vida doméstica brasileira dentro de uma casa portuguesa na aparência." E mais adiante acrescenta: "Aqui o português transferiu seu local de estar para a varanda alpendrada, onde comia, conversava e fazia a sesta na rede bem ventilada, de malhas grandes. A varanda, lugar de refeições e estar, consagrou-se na habitação do brasileiro remediado. Especialmente a denominação. Mesmo desaparecido o alpendre, vedados os vãos livres com janelões, perdurou o nome. Sala de jantar e varanda passaram a ser expressões sinônimas".

Outro autor, Barros LATIF (1966), já compreendia que a casa (e por extensão, a cidade)não podia ser identicamente concebida para as três faixas do globo terrestre - a boreal, a temperada e a tropical - de meios tão diversos e habitadas por homens de temperamento tão diverso. Se Le Corbusier sempre colocou em primeiro plano o sol e a luz, aqui no Brasil se tem que considerar a sombra e o ar. Não que se despreze o sol, mas - tendo-o em demasia - deve-se dosá-lo e com ele a luz que ilumina. E o nosso primeiro material, tanto para a boa casa como para a boa cidade, deve ser o ar mais ainda que a sombra. Num trópico como o que se tem, a casa de máxima habitabilidade resumir-se-á, então, numa boa cobertura ventilada por baixo. E é exatamente neste sentido que sempre se esforçaram as gerações mais antigas - com deficiências e preconceitos sociais - e deve-se ter a umbridade de aceitar as suas soluções quando boas, sem romper, por romper, com o evocativo da paisagem humana que criaram.

5 CONCLUSÃO

A noção de conforto ambiental doméstico, ou seja, a sensação de bem-estar da pessoa em relação ao ambiente projetado/construído, não se esgota na noção de conforto higro-térmico (equilíbrio entre as trocas higro-térmicas do corpo humano e o ambiente). Na verdade, este é apenas um dos componentes do conforto, componente necessário mas reconhecidamente não suficiente. O homem é um corpo vivo que ocupa e utiliza o ambiente, mas é também sobretudo um corpo emotivo, que reage a estímulos sensoriais, inclusive psicológicos, fornecidos pelo ambiente.

Em outras palavras, "as pessoas têm necessidades biológicas, de personalidade, sociais e culturais, que são expressas no meio ambiente. Além de satisfazer as necessidades humanas, o espaço fala: é a dimensão escondida do comportamento e através dela nós nos comunicamos uns com os outros".

A **intimidade**, a **privacidade** e a **domesticidade**, as três grandes descobertas da Idade Burguesa, apareceram, bastante naturalmente, nos burgueses Países Baixos. Durante o século XVIII espalharam-se ao resto do norte da Europa - Inglaterra, França e os estados Alemães. Embora a maioria dos lojistas, mercadores e artesãos continuassem a morar na parte detrás da loja (ou por sobre ela, nos sobrados), as casas de certos burgueses, funcionários públicos, advogados e construtores, eram exclusivamente residenciais. O resultado dessa separação é que a casa se tornava um lugar mais **privado** e junto com essa privatização do lar nascia um sentimento de **intimidade**, de identificação da casa com a vida familiar. Na realidade, a casa se tornara efetivamente um lar e em seguida surgiria a outra grande descoberta - a idéia do **conforto**.

O conforto no sentido físico da palavra somente apareceria no século XVIII, juntamente com alguns melhoramentos nas tecnologias do abastecimento d'água e do aquecimento, assim como na subdivisão interna da casa. O sentido da intimidade doméstica foi uma invenção humana tanto quanto qualquer aparelho técnico. Talvez tenha sido até mais importante, pois afetou não somente o entorno físico, mas a própria consciência humana. O historiador Siegfried Giedion expressou-se, "Do ponto de vista de hoje, a Idade Média não ofereceu nenhum conforto". E o crítico Lewis Mumford, que tanto admirava este período, acrescentou: "A casa medieval tinha quase nada de... conforto". Tais julgamentos são verdadeiros, mas não devem

ser mal interpretados, segundo Witold Rybczynski. Ao povo da Idade Média não faltava conforto. Suas casas não eram nem rústicas nem rudes. Mas o conforto existente não era explícito. O que faltava era a noção de conforto como uma idéia objetiva.

Os princípios que governavam o desenho de edificações nesse período foram estabelecidos pelo grande arquiteto e educador francês Jacques-François Blondel, no seu monumental tratado **Architecture Française** em quatro volumes, publicado em 1752. Blondel foi arquiteto de Luís XV e fundou a primeira escola de arquitetura em tempo integral da Europa. Ele enfatizava que a base de uma arquitetura bem sucedida deveria ser a doutrina que foi primeiro sugerida pelo romano Vitruvius "comodidade, firmeza e deleite". Blondel usava a palavra **comodidade** para denotar conveniência e adequação ao uso humano e a diferenciava do puramente estético (**deleite**) ou daquilo que era requerido por necessidade estrutural (**firmeza**). Aliás, um dos aspectos da comodidade da época era a presença cada vez mais solicitada da sala de banho ou banheiro, que até então fora bastante negligenciado, sendo outro o uso de mobiliário, que se tornava requintado, e até - confortável.

Quanto às casas rurais de Belém conhecidas como **rocinhas**, sua existência data do século XVIII conforme se constata no Plano Geral da Cidade do Pará em 1791 (tirado por ordem de Francisco de Souza Coutinho, Governador e Capitão General do Estado do Grão Pará e Rio Negro e levantado pelo Tenente Coronel com Exercício de Engenheiro Theodosio Constantino de Chermont), cuja cópia vai em anexo, onde elas aparecem indicadas no antigo caminho da Cruz das Almas, hoje rua Arcipreste Manoel Teodoro, margeando o Piri. No capítulo do texto referente às rocinhas estão reproduzidos um desenho de Percy Lau de uma típica rocinha que existia até a década de 1970 justamente na rua Arcipreste Manoel Teodoro e a planta baixa da mesma levantada pelo então estudante de arquitetura engenheiro civil Roberto de LaRocque Soares. Vê-se que era uma casa com telhado em quatro águas, toda avarandada, de um só pavimento, com janelas e portas de venezianas, com pé direito de quatro e cinco metros e piso elevado do chão. Nos anexos estão reproduzidos ainda fotografias das rocinhas do Museu Paraense Emílio Goeldi e do Colégio Nazaré (este já desaparecido) e do sítio Conceição na Ilha do Mosqueiro, o último com todas as características de uma autêntica rocinha, inclusive pela data de sua construção.

Já as chamadas **puxadas**, estas eram (e continuam a ser) casas urbanas típicas de um período da vida de Belém do Pará e devem sua forma estreita e alongada exatamente à forma do lote do terreno mais frequentemente encontrado no perímetro urbano. Nos anexos encontrar-se-ão reproduzidas fotografias de puxadas de vários estilos ainda existentes, na maioria no bairro da Campina (erroneamente denominado de Comércio), como também plantas e fachadas de puxadas pesquisadas em antigos processos de aprovação de plantas da Secretaria Municipal de Obras.

Pelo exposto pode-se concluir que a rocinha, a casa rural de veraneio da classe mais abastada, e a puxada, a casa urbana de moradia, atendiam aos requisitos do conforto ambiental doméstico do período em que se inseriam, tendo sido a rocinha substituída pelos **chalets** de Icoaraci e Mosqueiro, as vilas-balneárias, e a puxada, que ainda subsiste na paisagem urbana na sua originalidade, continua a ser construída, embora talvez sem esta denominação, em função dos lotes de pouca testada e grande profundidade.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **No rio Amazonas** (1859). São Paulo, Belo Horizonte, Editora da Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia Editora, 1980.

BAENA, Antonio Ladislau Monteiro. **Ensaio Corográfico sobre a Província do Pará**. Pará., Tipografia de Santos & Menor, 1891.

BATES, Henry Walter. **The Naturalist on the River Amazon.** London, John Murray, 1863.

COSTA, Lúcio. Documentação necessária. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** N 1, Rio de Janeiro, MEC, 1937.

CRUZ, Ernesto. **As Edificações de Belém (1783-1911).** Belém, Conselho Estadual de Cultura. 1971.

COELHO, Juçara. As casas irmãs da baía do Sol. **O Liberal**, Belém, 25.07.76.

CUNHA, Oswaldo R. O edifício central do museu. **O Liberal**, Belém, 22.09.86.

FERREZ, Gilberto. Editor. **O Brasil de Thomas Ender (1817).** Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles, 1976.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. **Miscelânea histórica para servir de explicação ao prospecto da cidade do Pará.** Belém, 1784.

FREYRE, Gilberto. **Oh de casa! em torno da casa brasileira e de sua projeção sobre um tipo nacional de homem.** Recife, Instituto Joaquim Nabuco, 1979.

KIDDER, D.P. e FLETCHER, J.C. **Brazil and the Brazilians.** Philadelphia, Childs & Peterson, 1857.

LATIF, Miran de Barros. Ventilação no trópico. **Arquitetura**, N 51, Rio de Janeiro, IAB, setembro 1966.

LEMOS, Antonio José de. **O município de Belém. Relatórios de 1897 a 1908**, Belém, Archivo da Intendencia Municipal, 1897-1908.

LEMOS, Carlos a.C. **Cozinhas, etc., um estudo sobre as zonas de serviço da casa paulista.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1976.

MEIRA, Augusto Marcio. **Histórico da rocinha.** Belém, (mimeografado), 1984.

PENTEADO, Antonio Rocha. **Belém - estudo de geografia urbana.** Belém, UFPA, 1968.

PRADO, J.F. de Almeida. **Thomas Ender. Um episódio da formação da classe dirigente brasileira 1817-1818.** Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1955.

RAPPOPORT, Amos, **Origens culturais da arquitetura** em Introdução à Arquitetura, JamesC. Snyder e Anthony Catanese, Rio de Janeiro, Editora Campus, 1984.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil.** São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.

RYBCZYNSKI, Witold. **Home: a short history of an idea.** New York, Viking, 1986.

SAIA, Luis. **Notas sobre a evolução da morada paulista.** São Paulo, Editora Acrópole, 1957.

SPIX, J.B. von e MARTIUS, C.F.P. von. **Viagem pelo Brasil (1817-1820).** São Paulo, Editora Melhoramentos, 1938.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1961.

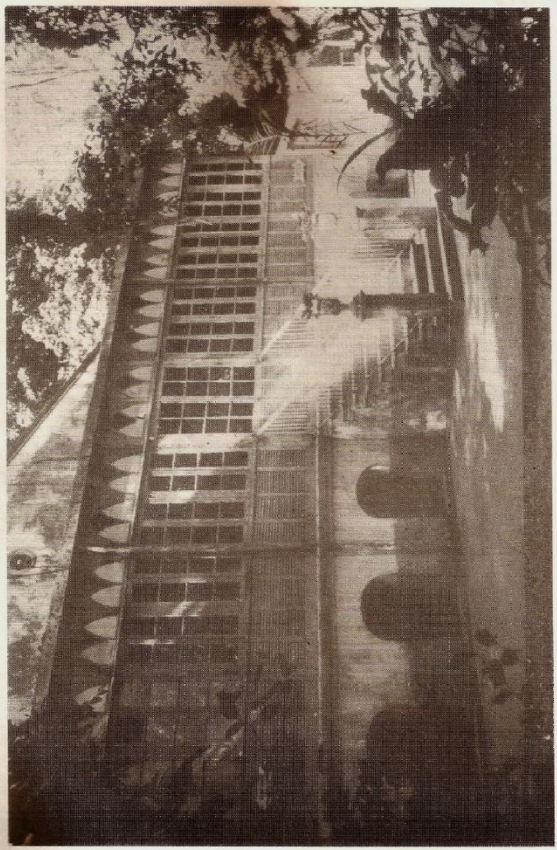
———— **Santa Maria de Belém do Grão Pará.** Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1963.

WALLACE, Alfred Russel. **A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro.** New York, Dover Publications, 1972.

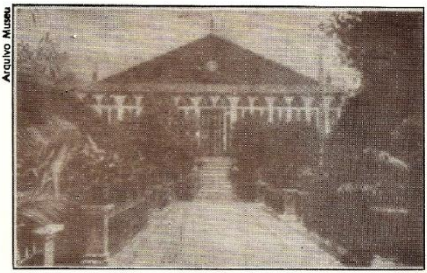
Além das publicações acima listadas, foram ainda consultados os processos de aprovação de plantas nos arquivos da Secretaria Municipal de Obras da Prefeitura de Belém.

ANEXOS

Planta da Antiga Cidade do Pará
Alexandre Rodrigues Ferreira
1784

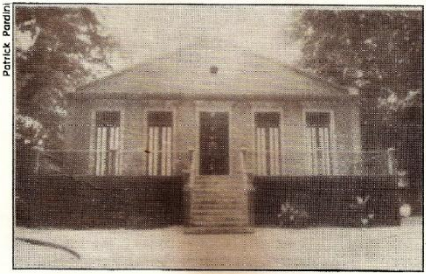


A Rocinha de Bento José da Silva Santos, Construída em 1879, hoje Propriedade do Museu Paraense Emilio Goeldi
Foto do Autor



1906

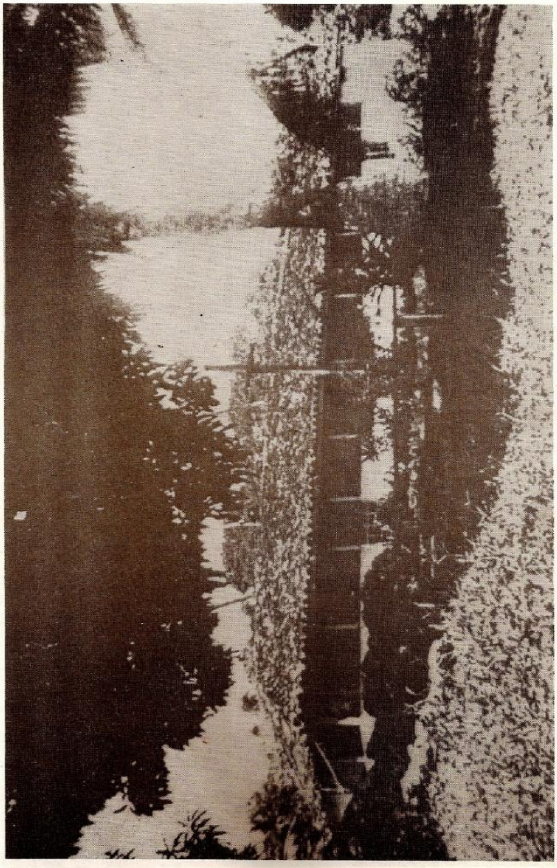
1960



1985

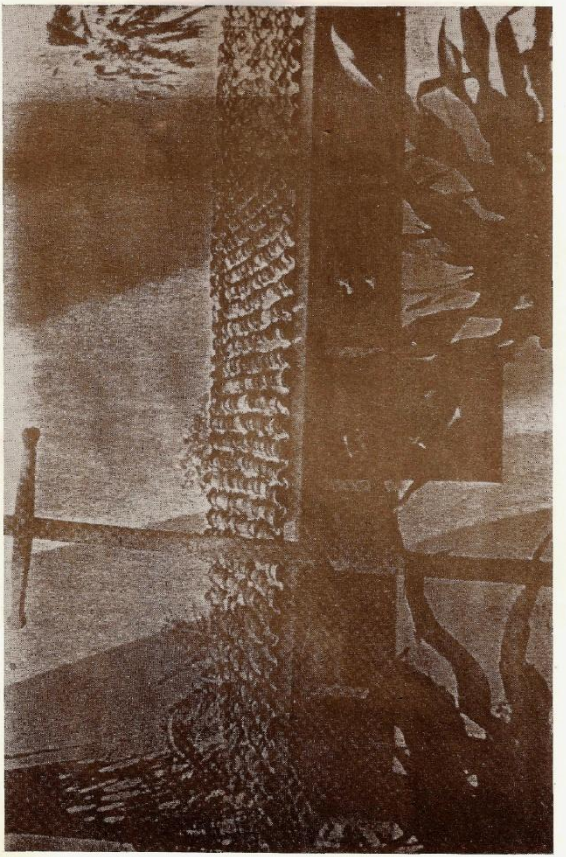
Rocinha do Museu

Rocinha de Propriedade do Colégio Nazaré, que Fora do Barão de Japurá, no Estilo Neo-Clássico, Antes Existente na Avenida Nazaré, e que foi Mandada Demolir pelos seus Proprietários a quando do Início do Processo de Tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1969.
Foto de G.E. Kidder Smith

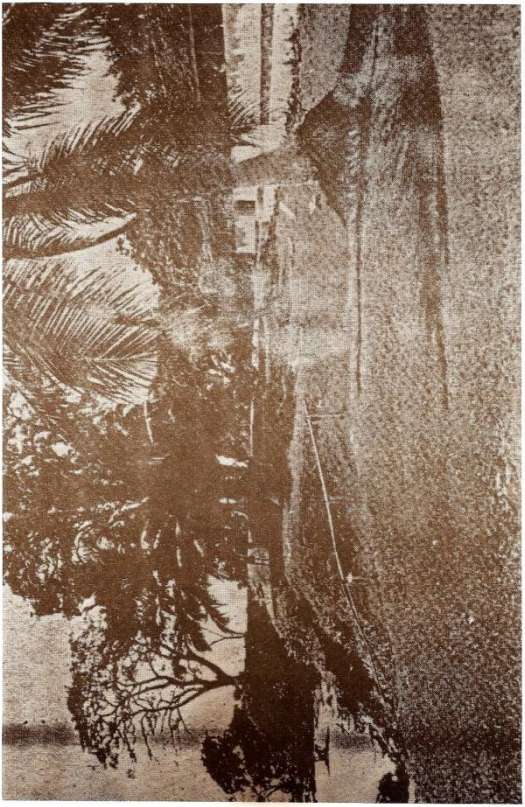


Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça

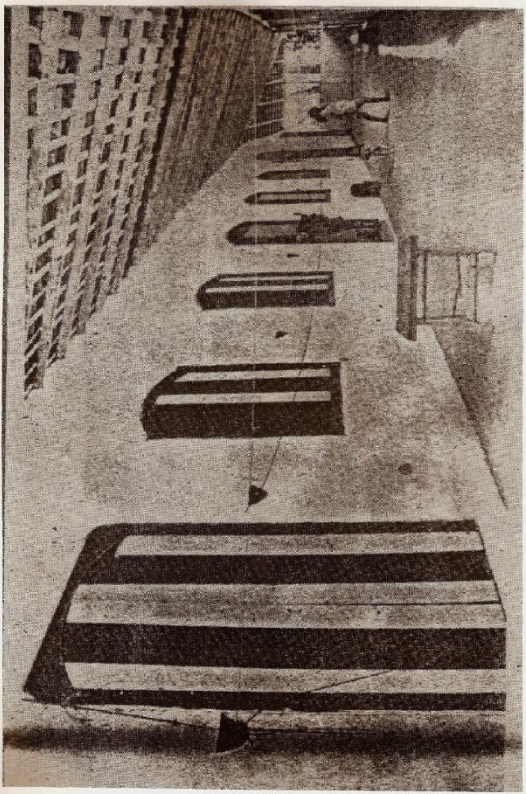
DEPTO DE ARQUITETURA BIBLIOTECA UNIVERSIDADE FEDERAL CENTRO TECNOLÓGICO



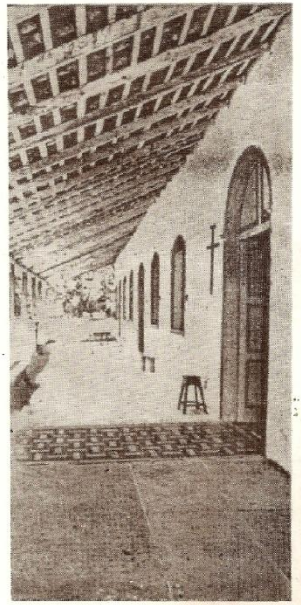
Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça

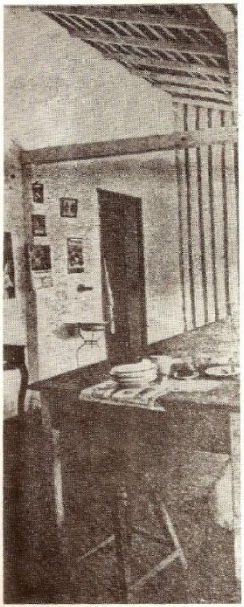


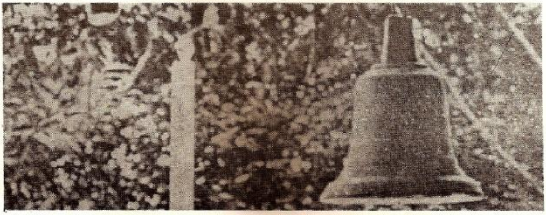
Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça



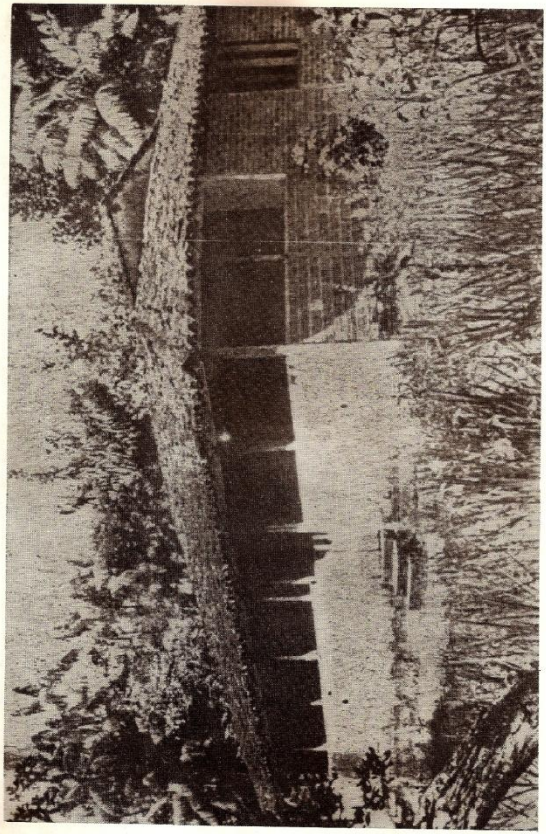
Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça



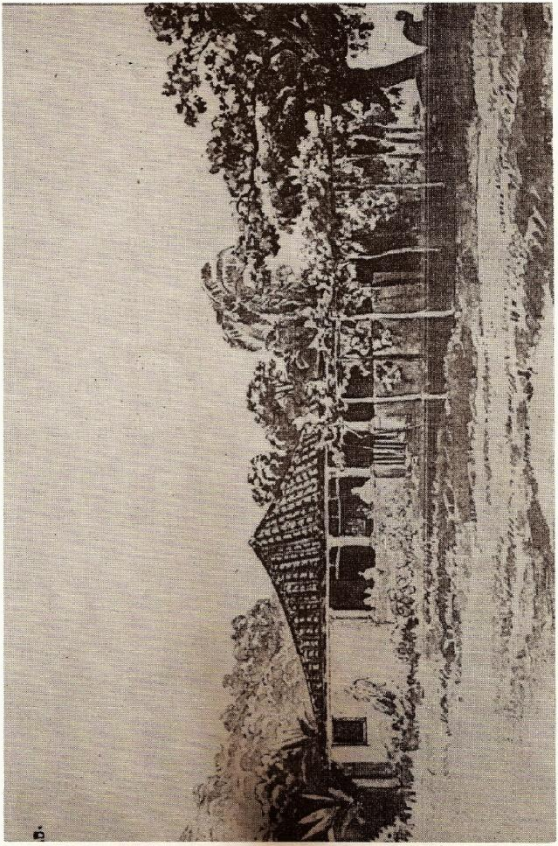




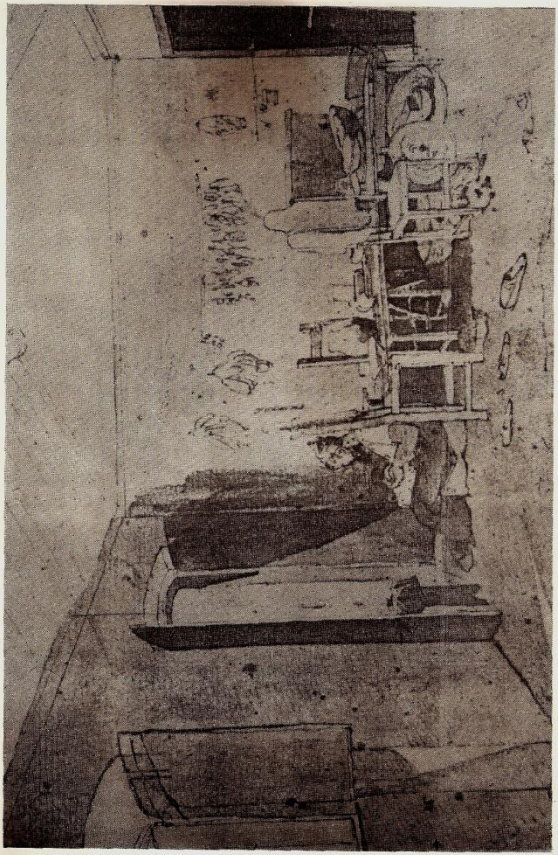
Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça



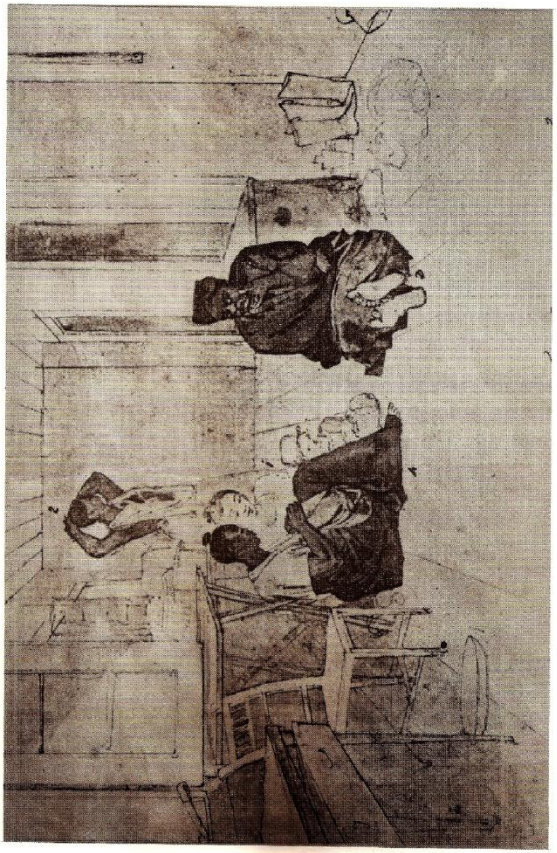
Sítio Conceição, Ilha do Mosqueiro
Foto de Pedro Pinto e Milton Mendonça



Casa Típica Rural na Praia Malony
Rio de Janeiro
Aquarela de Thomas Ender

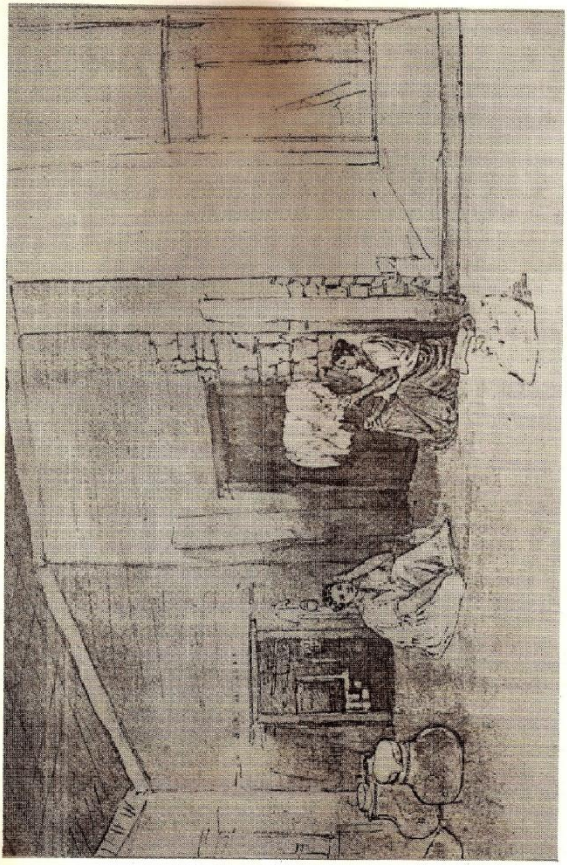


Um Quarto de Portugueses
Aquarela de Thomas Ender

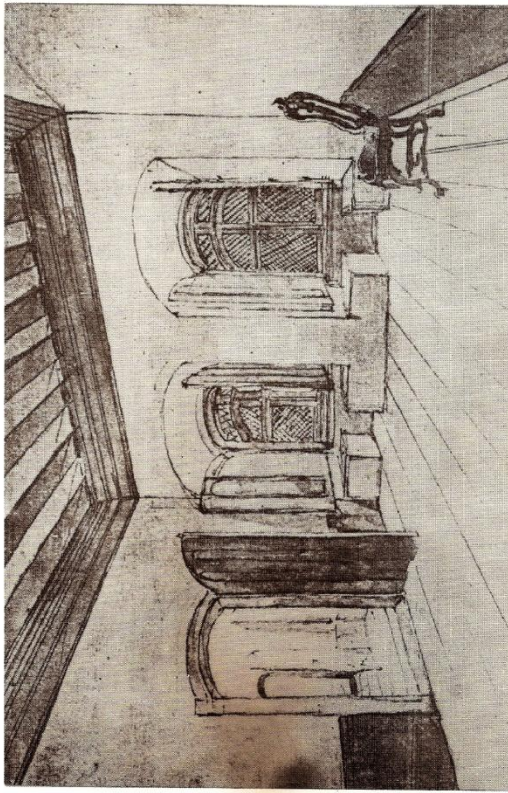


Quarto numa Residência no Rio de Janeiro
Aquarela de Thomas Ender

DEPTO DE ARQUITETURA BIBLIOTECA UNIVERSIDADE FEDERAL CENTRO TECNOLÓGICO

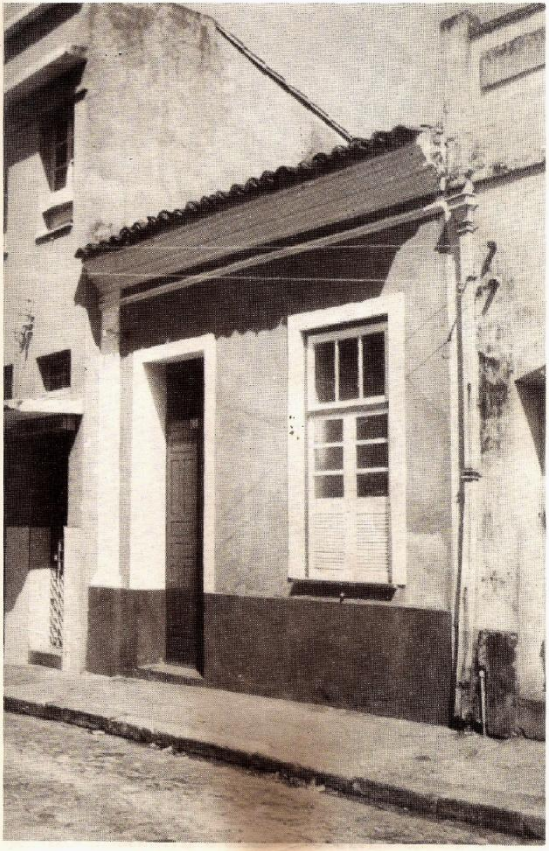


Interior de uma Casa em N.S. Aparecida, São Paulo
Lápis Aquarela de Thomas Ender



Aposento Paulista de Casa Nobre
Lápis Aquarela de Thomas Ender

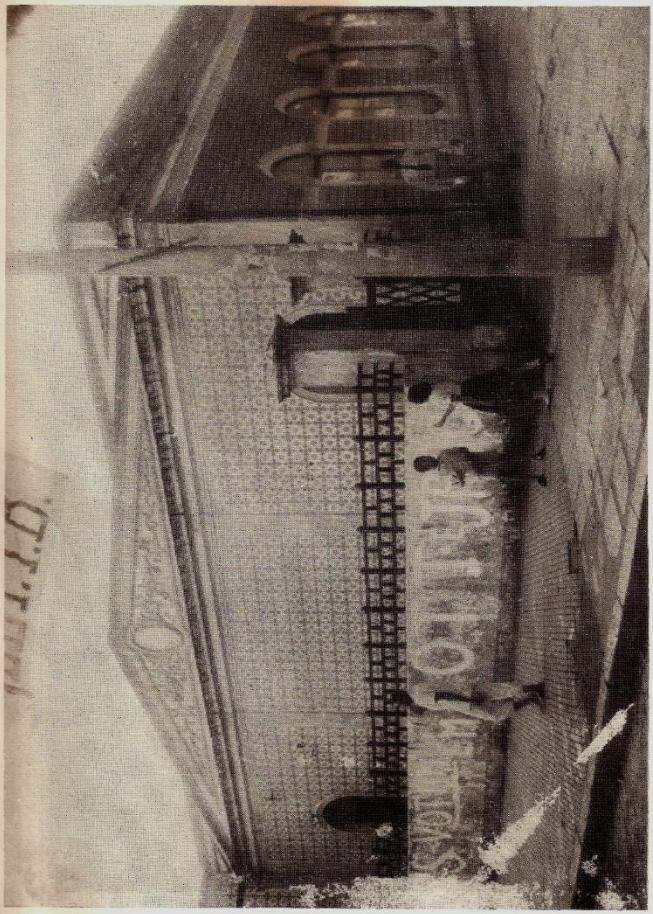
Puxada no Bairro da Campina
Foto do Autor



Puxada, Campina
Foto do Autor

Puxada Campina (Casa onde Nasceu o Gal. Hilário Maximiano Antunes Gurjão, Herói da Guerra do Paraguai, no dia 21.02.1820)
Foto do Autor

Puxada, Campina
Foto do Autor

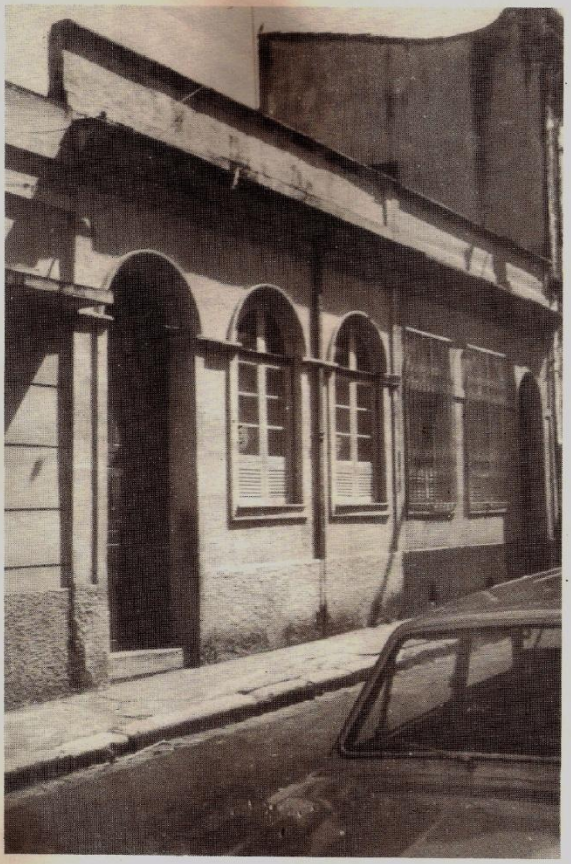


Puxada Antes Existente na Avenida Nazaré, Esquina da Passagem Joaquim Nabuco
Foto do Autor

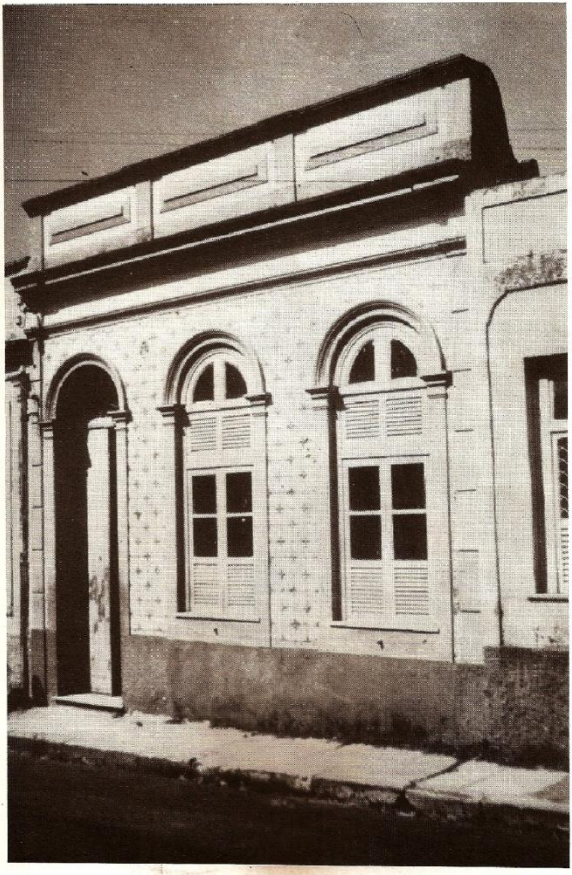
Puxada, Campina
Foto do Autor

Puxada, Campina
Foto do Autor

Puxada Campina
Foto do Autor



Puxada, Campina
Foto do Autor

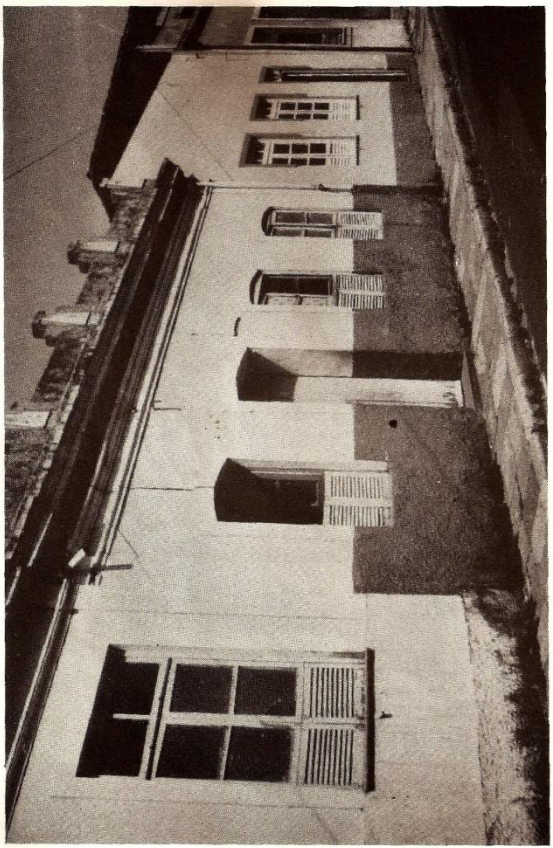


Puxada, Campina
Foto do Autor

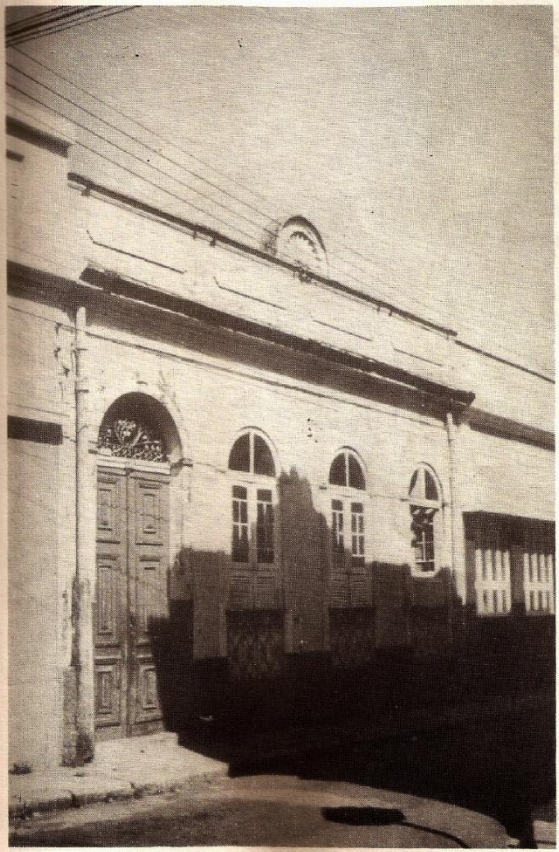
DEPTº DE ARQUITETURA BIBLIOTECA

Puxada, Campina
Foto do Autor

Puxadas Geminadas, Campina
Foto do Autor

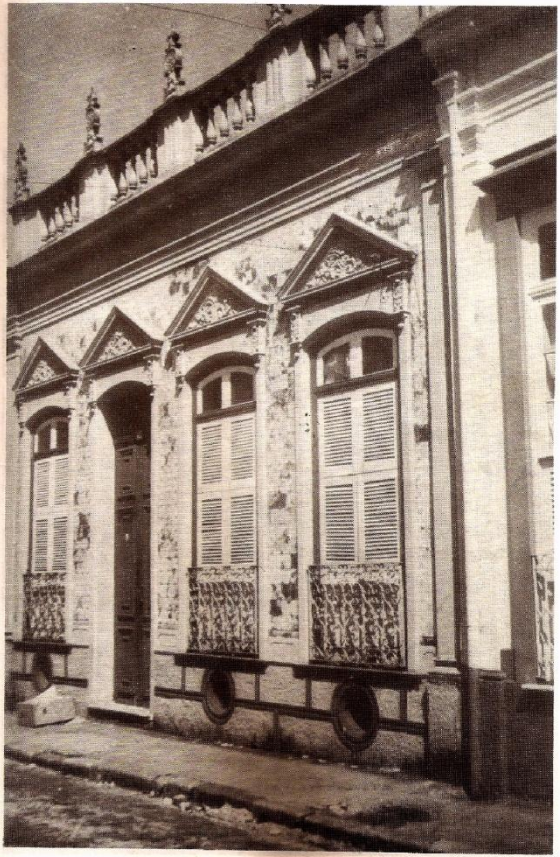


Puxada, Campina
Foto do Autor

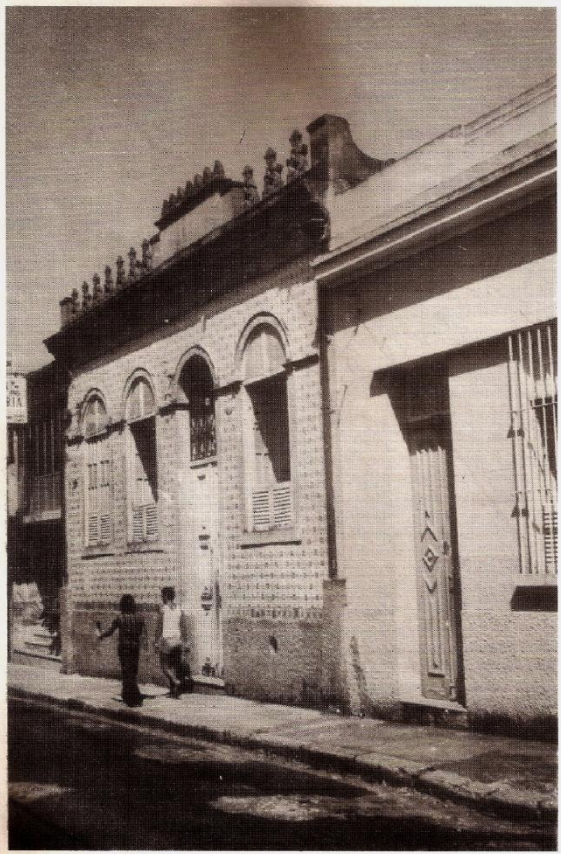


Puxada, Campina
Foto do Autor

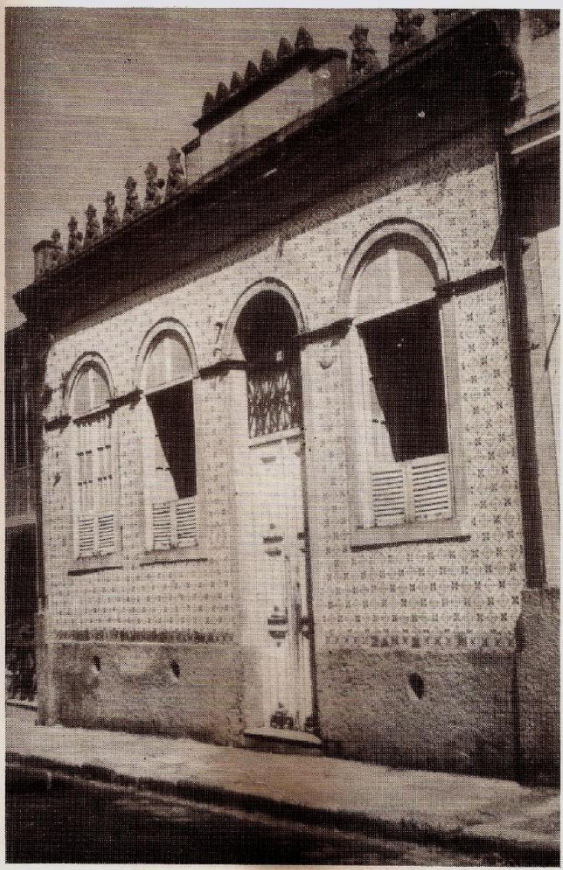
Porta de Entrada da Puxada Anterior
(com Data de 1868)
Foto do Autor



Puxada, Campina
Foto do Autor

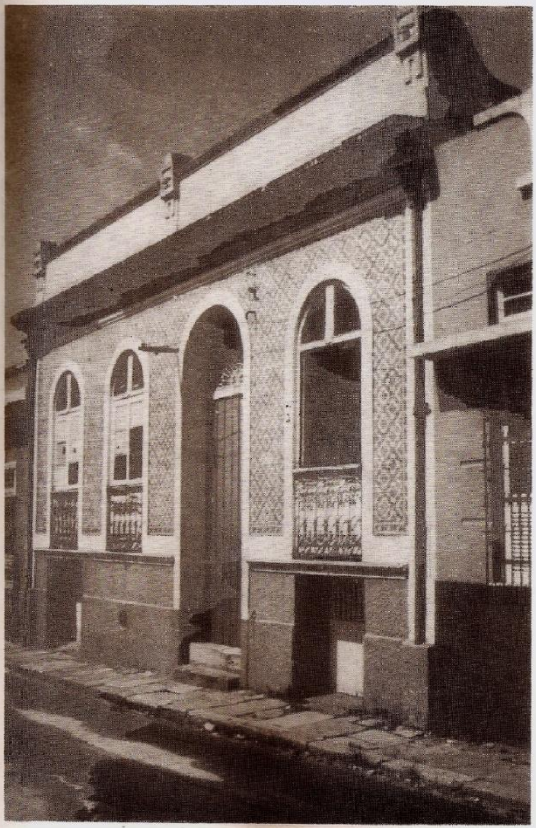


Puxada, Campina
Foto do Autor



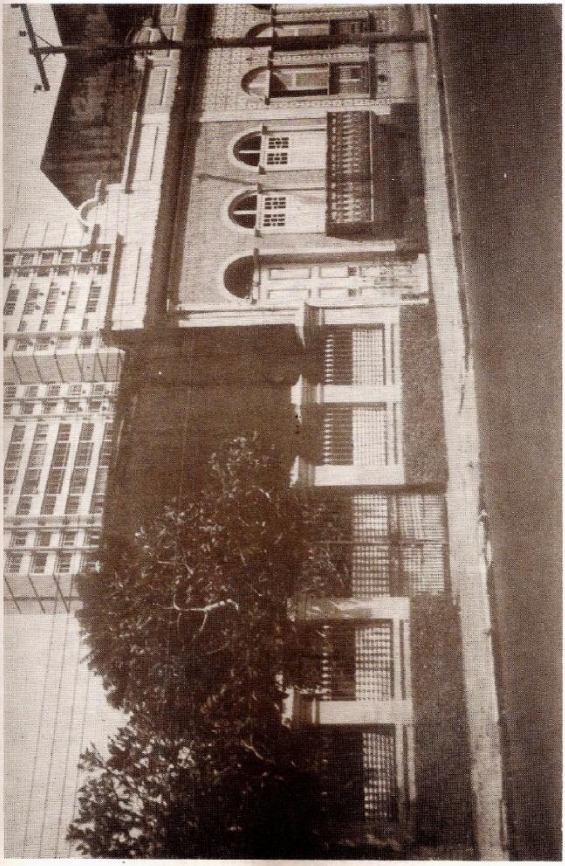
Mesma Puxada Anterior, Campina
Foto do Autor

Puxadas Geminadas, Campina
Foto do Autor

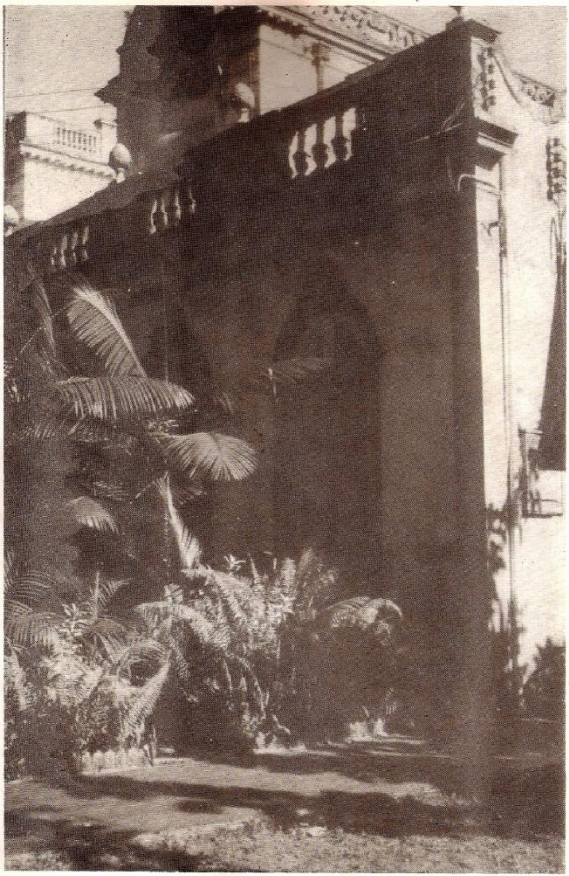


Puxada já Modificada, Campina
Foto do Autor

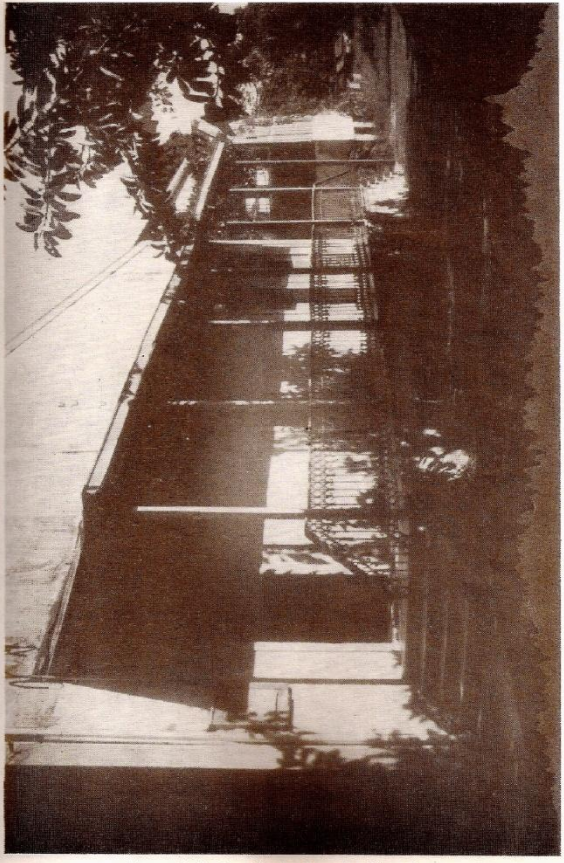
Puxadas Geminadas. Campina
Foto do Autor



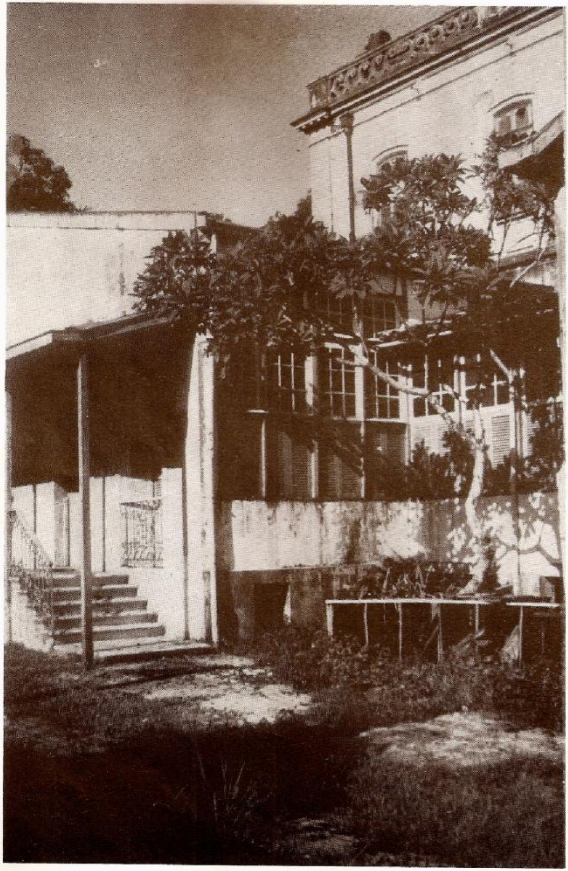
Puxada com Terreno ao Lado, Bairro de Nazaré
Foto do Autor



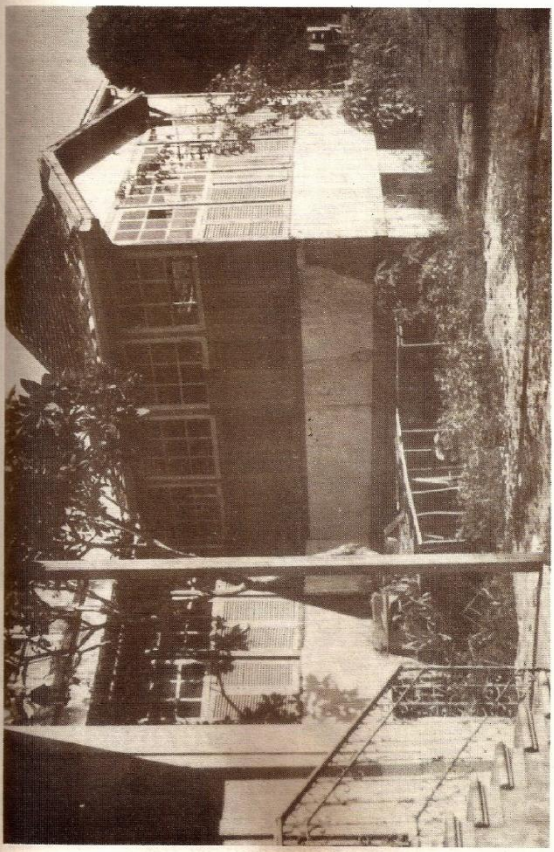
Puxada com Jardim Frontal
Bairro de São Brás
Foto do Autor



Varanda Lateral da Puxada Anterior
Bairro de São Brás
Foto do Autor

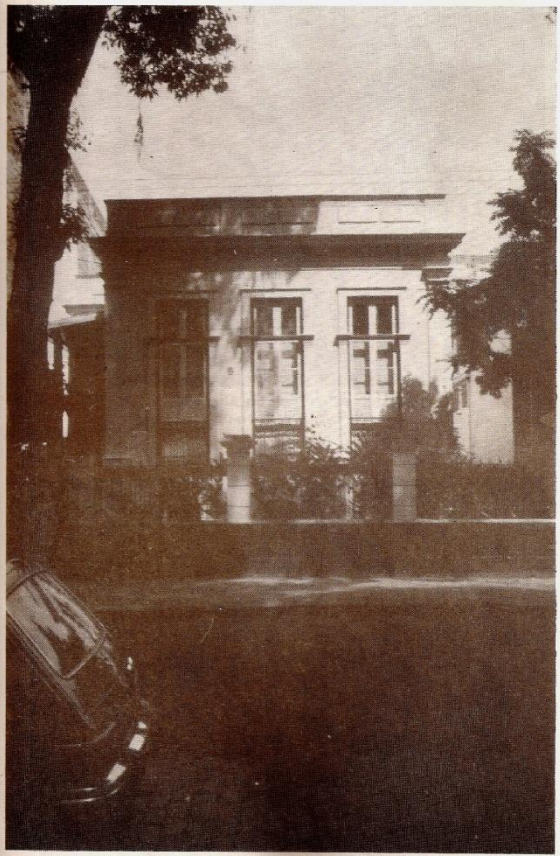


Fundos da Puxada Anterior
Bairro de São Brás
Foto do Autor

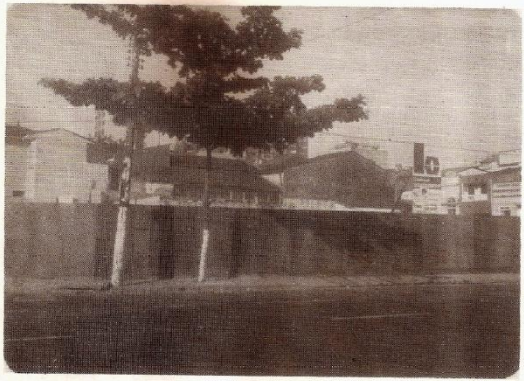


Fundos da Puxada Anterior
Bairro de São Brás
Foto do Autor

Puxada com Porão Habitável Transformado em Garagem
Bairro de Nazaré
Foto do Autor



Puxada com Jardim e Varanda Lateral
Bairro de Nazaré
Foto do Autor



Vista Lateral de uma Puxada
Bairro da Campina
Foto do Autor

Vista Lateral de uma Puxada
Bairro da Campina
Foto do Autor

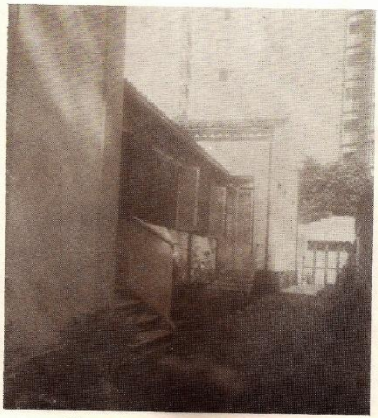
Puxada no Bairro de Nazaré
Foto do Autor

Vista Lateral da Puxada Acima
Foto do Autor

Puxada no Bairro de Nazaré
Foto do Autor

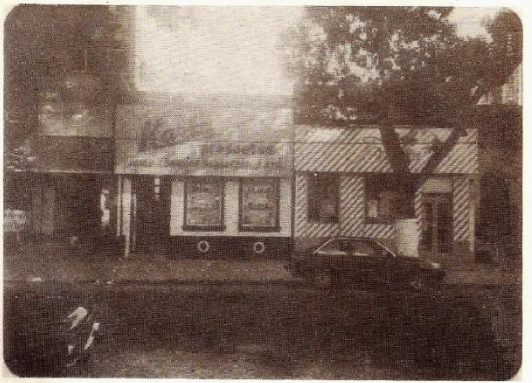
Vista Lateral da Mesma Puxada
Foto do Autor

Puxada no Bairro de Nazaré
Foto do Autor



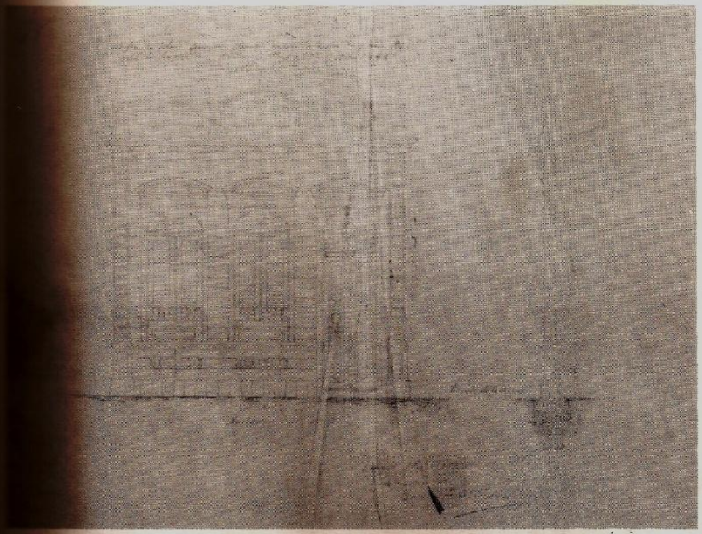
Vista Lateral da Mesma Puxada
Foto do Autor

Vista Lateral de uma Puxada
Foto do Autor

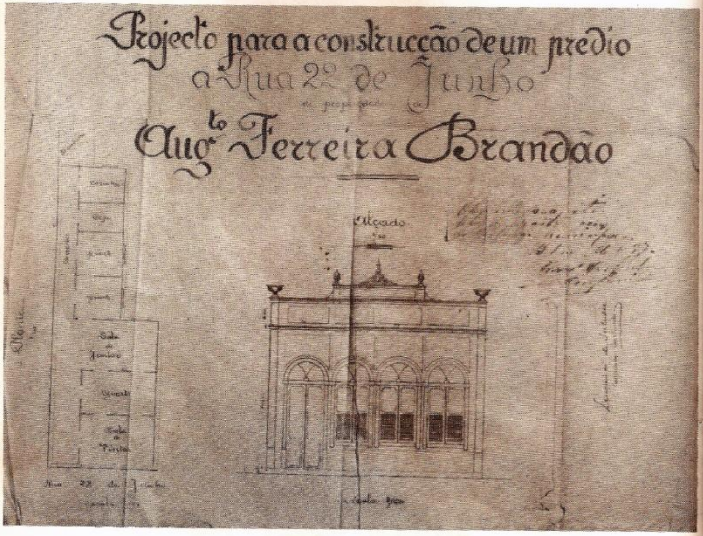


Puxadas Remodeladas, Nazaré
Foto do Autor

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO TECNOLÓGICO
BIBLIOTECA

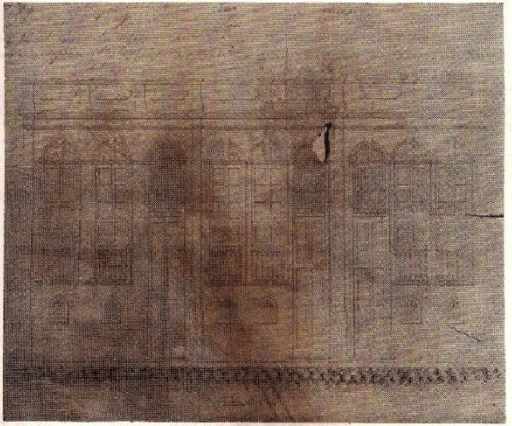


Fachada e Corte de Puxada



Fachada e Corte de Puxada

Planta Baixa e Fachada de Puxada



Fachada e Corte de Puxada

António Paul de Albuquerque (25/09/1921-17/04/2008) nasceu no estado do Pará, filho do engenheiro Manoel Leónidas Albuquerque e de Mildred Tierney de Albuquerque, formando-se em Arquitetura nos Estados Unidos, Instituto Politécnico Rensselaer, no ano de 1948. Exerceu, entre 1948 e 1951, suas atividades didáticas no Departamento de Arquitetura da Universidade de Kansas, EUA, como professor de "Achitectural Design".

Ainda na década de 50, Paul já estava em Belém desenvolvendo projetos e participando de órgãos responsáveis por questões urbanísticas da cidade, tais como a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) entre 1967 e 1968, tendo ocupado o cargo de Diretor da Divisão de Obras Particulares da Secretaria Municipal de Obras e Urbanismo de Belém entre 1954 e 1977. Exerceu também atividades técnicas na Companhia de Desenvolvimento e Administração da Área Metropolitana de Belém (CODEM) nos anos de 1981 a 1989 e na Secretaria Geral de Planejamento Municipal a partir de 1994.

Paul foi diretor, fundador do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) Delegacia do Pará, entre 1953 e 1967, sendo também fundador da Associação Profissional dos Arquitetos no Estado do Pará (APA). Como Arquiteto projetista destaca-se os projetos para o Pará Clube, Hotel de Soure (Marajó), o Seminário Redentorista (Marituba) e a Igreja de Santa Cruz.

Em 1962, voltou a trabalhar como professor, agora na Universidade Federal do Pará, lecionando Inglês no Curso Livre de Línguas. Entretanto, com a implantação, em 1964, do Curso de Arquitetura na UFPA, Paul passou a dar aulas na sua área de formação, permanecendo, então, como professor de Arquitetura na UFPA até 1991, quando se aposentou.

Durante estes 27 anos no Curso de Arquitetura da UFPA, Antônio Paul de Albuquerque lecionou "Expressão e Representação", "Planejamento Arquitetônico I", "Planejamento Regional" e "Introdução à Arquitetura". Foi também um dos primeiros coordenadores do Curso (1968-1970), e exerceu ainda, entre 1976 e 1981 a atividade de Chefe do Departamento de Arquitetura.

Paul foi aluno do primeiro Curso de Especialização em Arquitetura nos Trópicos do Departamento de Arquitetura da UFPA, desenvolvendo a Monografia "Rocinhas e Puxadas", publicada como artigo na Revista do Tecnológico do 1º semestre de 1989. Desenvolveu, também, as pesquisas científicas intituladas "Glossário de Termos utilizados no Planejamento Urbano" (1981-1983), "Chalés de Icoaraci e Mosqueiro" (1986) e "Arquitetura Paraense" (1986), tendo publicado diversos artigos sobre Arquitetura em jornais paraenses. Em 2003, o Professor Paul foi homenageado durante o Seminário "Landi e o século XVIII na Amazônia" por ter sido precursor nos estudos sobre Landi, ao publicar o artigo "Arquiteto Antonio José Landi" na Revista Habitat 12, de setembro de 1953.

Percebe-se, assim, que Antônio Paul de Albuquerque dedicou grande parte da sua vida para o Curso de Arquitetura da UFPA, contribuindo inclusive para a divulgação da Arquitetura paraense em publicações nacionais.

Texto: Professora Cybelle Miranda
Pesquisa: Professora Cybelle Miranda e Nayara Barros (bolsista).